



Curso: Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais

Disciplina: Educação Contemporânea

Professor: Dr. Ralph Ings Bannel

Aluna: Aline Andrade Weber Nunes da Rocha

WWW.olhaagenteaqui.com.br: uma experiência midiática

Descrição da experiência profissional envolvendo mídia e tecnologias de informação e comunicação:

No ano de 2007, um grupo de alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, do Colégio São Paulo, onde trabalho como coordenadora pedagógica do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, registrou através do telefone celular cenas de seu cotidiano escolar, sem o conhecimento da Direção da instituição. Os alunos fizeram registros de professores em sala de aula acompanhados de alunos não muito entusiasmados. Em algumas fotos um ou outro aluno fazia um gesto obsceno para algum professor. Muitas fotos simulavam “uma bagunça em sala de aula”. Registraram também uma foto de uma aluna sentada na sala da Direção tendo uma conversa com a Diretora. Após concluírem os registros fotográficos utilizaram as fotos para criar uma espécie de fotonovela, onde havia uma seqüência de fotos e textos narrativos. Para expor a fotonovela utilizaram como veículo o orkut de uma das alunas.

As imagens circularam por entre os alunos da turma chegando ao conhecimento também de alguns responsáveis. Tivemos acesso ao material por dois alunos da própria turma que se viram retratados na “fotonovela” e não gostaram. Procuraram a Direção para falar sobre as imagens no orkut e pedir que a mesma tomasse uma providência. A posição da Direção da escola foi a de conversar separadamente com cada um dos envolvidos e pedir que os mesmos se desculpassem publicamente com os colegas e o grupo de professores fotografados sem permissão. A idéia era colocar rapidamente um fim naquela situação e, se possível não se comentar mais o assunto.

Discutindo o potencial formativo dessa experiência através dos conceitos e argumentos apresentados e debatidos nas aulas.

O primeiro aspecto a ser observado está na mudança social trazida pela revolução da informação: quando poderíamos imaginar que alunos e alunas usassem em sala de aula um aparelho que tirasse fotos, fizesse conexões com o mundo virtual, servisse para ouvir música, e, além disso, fosse um telefone móvel? Podemos constatar a presença dessas mudanças como afirma Castells:

As origens e as trajetórias das maiores mudanças tecnológicas são sociais. A aplicação da tecnologia está determinada, como está socialmente determinado o efeito retroativo das conseqüências sociais de suas aplicações. Uma vez que temos supostos esses pontos fundamentais, penso que ainda é importante centrar-se sobre os efeitos específicos desta revolução tecnológica na estrutura social para entender o novo surgimento do sistema social. (Castells, 1995: 11)

Como a escola reage diante desse sistema social? Como lida com os efeitos desta revolução tecnológica na construção de um ambiente de aprendizagem? Só é aprendizagem o que o professor pretende ensinar? O que acontece então com as situações trazidas pelos alunos de sua vida cotidiana? Não são motivo de interesse para a escola e desta forma desperdiça-se a oportunidade de gerar mais conhecimento a partir dos conhecimentos prévios dos alunos.

As TICs trazem para o espaço escolar o medo da perda do controle. Perder o controle de determinar qual é o saber válido, qual o saber legítimo, para que desta forma seja possível garantir ao professor um lugar no cenário educativo, ignorando que as mudanças do sistema social o coloca em nova posição diante da construção do saber.

Na perspectiva foucaultiana, saber e poder não existem numa relação externa, como na fórmula “saber é poder”, por exemplo. Em vez disso, eles estão mutuamente implicados numa relação necessária. A regulação da conduta, o governo dos indivíduos – e portanto, o poder – pressupõe seu conhecimento. Inversamente, o saber não está isento de intenções e efeitos de poder. Saber implica necessariamente dominação. É nessa relação de mão-dupla que saber e poder não podem ser separados (Da Silva, 1995:197)

A experiência relata uma situação iniciada na escola e concluída fora dela. Mostra como somos vulneráveis diante do que os alunos são capazes de fazer quando lhe negamos a conexão com sua realidade. O episódio evidencia a impotência da escola diante daquilo que não lhe é possível controlar: aquilo que nem ela própria entende e conhece e, dessa maneira, não usa a seu favor: as TICs. A entrada desse universo na escola se dá, não como recurso didático, como objeto de análise crítica e reflexiva, ou

principalmente como meio de comunicação. O aparelho celular é utilizado pelos alunos como forma de denunciar o que, na opinião deles, deveria de algum modo ser diferente. Para expressar suas representações usaram a mídia, mais precisamente a internet, pois é como se dissessem: “Já que vocês não perceberam essas mudanças, vamos mostrá-las a vocês.” Seria legítimo pensarmos em um choque cultural? Sob esse ponto de vista poderíamos afirmar que a ação praticada pelos adolescentes revela uma ação cultural, pois segundo Hall, toda ação social é cultural, pois expressam ou comunicam um significado. A Internet constitui-se hoje como um dos principais meios de circulação de idéias e acontecimentos em nossa sociedade. A mídia diminui a distância entre nós e muda a maneira como nos relacionamos uns com os outros e conosco mesmo.

Desta maneira as TICs desafiam os conceitos existentes de conhecimento buscando uma visão cada vez menos instrumental do papel da tecnologia na educação. Apesar disso, o impacto da tecnologia na prática cotidiana dos professores é bastante limitado, não por serem refratários, mas pelo fato de que muitas vezes não reconhecem que haja algum benefício para aumentar o desempenho dos alunos. Não podemos ver a tecnologia como salvação da educação nem como sua condenação. Há que se pensar nas TICs a partir de outro paradigma: qual a relação entre as culturas e práticas cotidianas dos adolescentes fora da escola e as que encontram em sala de aula? Que representações nos trazem? Levando em consideração que os jovens cada vez mais têm acesso à tecnologia, participam de uma cultura midiática diversa e comercializada, percebe-se a existência de um hiato entre o que eles fazem na escola e o que fazem na WWW no seu tempo livre.

Quando pensamos no que os adolescentes fazem com as TICs fora da escola podemos afirmar que está sendo criada uma cultura popular, cultura esta que não dialoga com o que a escola entende por cultura ou com a cultura privilegiada pela escola e na escola. Adolescentes usam o computador para jogar, surfar em sites de entretenimento, criar blogs, Orkut, etc., enquanto a escola a uso muito pouco, de um modo geral apenas para desenvolver no aluno certas habilidades que, na maioria das vezes podem aprender sozinhos, sem a escola. Será que realmente conhecemos a realidade de nossos alunos fora da escola, e se a conhecemos, o que fazemos com ela?

Outra das grandes ausências e ocultamentos aos olhos do próprio alunado são os modos de vida dos grupos infantis e juvenis, tanto na atualidade quanto no passado, tanto aqui quanto em outros lugares da terra. E isso ocorre mesmo que, qualitativamente, eles sejam uma parte importante da humanidade. O adultocentrismo de nossa cultura nos leva a uma ignorância realmente grande acerca do mundo idiossincrático da infância e da juventude. (Da Silva, 1995: 163)

Estaria então a escola esquecendo destes componentes essenciais da cultura juvenil? Por que será que o ensino formal tende a rejeitar a cultura popular cotidiana dos alunos? Parece haver um medo de perder o controle dos alunos quando estes invadem o espaço escolar com sua cultura. Não seria fundamental a escola pensar sobre a realidade dos alunos fora da escola, em especial do emprego que fazem das TICs no lazer? Nesse sentido caberia à escola levantar questões sobre como as mesmas medeiam e representam o mundo. Os alunos precisam entender como a informação é produzida, disseminada e consumida e como ela adquire significado. As TICs têm grande potencial para o ensino, mas para tanto, precisamos vê-las não apenas como tecnologias, mas como formas de cultura e comunicação.

Cada vez mais as TICs fazem parte de nosso cotidiano e introduzem novas formas de comunicação, como a criação e o uso de imagens, como no caso da experiência relatada. Possibilitam também que os jovens criem ou desempenhem diferentes papéis em mundos de faz-de-conta. Os alunos do oitavo ano fizeram, por exemplo, um recorte da sala de aula, construído a partir de suas narrativas e lhe deram a imagem desejada. Podemos pensar aí na corporificação desse sujeito pós-moderno, um sujeito fragmentado, com várias identidades em função das mudanças sociais e culturais vividas.

Nossa participação na chamada “comunidade” da Internet é sustentada pela promessa de que nos possibilite em breve assumirmos ciber-identidades – substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real. (Hall – a centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo – mimeo)

E como é a interação real dos alunos com os que os cercam na escola? Para participar da “fotonovela”, os alunos escolheram os professores com os quais encontravam maior dificuldade de relacionar-se, ou seja, não encontravam no mundo real uma possibilidade de comunicação. Esta aconteceu no mundo virtual.

A citação nos coloca diante do fato de que, ao colocar na internet a fotonovela, os alunos criaram uma situação virtual diferente da situação real, mesmo expondo suas identidades, quem são ou onde estudam, criaram novas “performances” para si mesmos dentro do universo escolar e também colocaram os professores e a diretora num outro lugar: o da perda de controle e do não saber, é como afirma Hall, “isto relaciona-se à centralidades da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social.”

Precisamos pensar que a mídia interfere em nossa subjetividade. O sistema social de resposta dos alunos está atravessado por essa subjetividade. Temos com a mídia uma relação de dependência, o que a mídia faz e o que fazemos com ela passam a ser questões relevantes no nosso processo de singularização.

Precisamos entender que o jovem, hoje mais do que nunca, em função das diferentes formas da presença midiática, têm mais acesso às informações, portanto, o vínculo docente-aluno não pode ser mais entendido a partir da idéia de que o docente é o provedor de informação e o aluno consumidor. A mídia sugere uma inversão nessa lógica. Daí uma grande dificuldade dos professores na utilização da mídia em sala de aula: a utilizam a partir do mesmo enfoque que é dado ao quadro-de-giz, ao livro, ao retroprojctor – um recurso didático a mais. Negam dessa forma a presença permanente da mídia na constituição da subjetividade dos alunos.

A integração desses meios no currículo não tem sido uma tarefa fácil, principalmente porque a escola tende a ser mais conservadora de uma cultura do que transformadora da mesma. Parece não conseguir acompanhar as mudanças sociais no ritmo que seria desejado para que, professores e alunos pudessem falar a mesma linguagem. A relação aluno-professor passa por outro paradigma, é redefinido a partir do que as TICs nos colocam, como afirma Pierre Levy:

Aprender, ensinar, informar-se, conceber, ler, escrever, comunicar através do som, da imagem ou da linguagem: a maioria das atividades cognitivas são potencialmente redefinidas pela nova tecnologia intelectual que é a informática. Sujeitos e objetos, autores e destinatários perdem sua identidade individual em proveito de redes contínuas de produção de informações. Os antigos produtos acabados com o texto, a imagem ou o som tornam-se matéria-prima a ser processada. Com a concepção de linguagens, sistemas e softwares, aparece uma espécie de metaescrita ordenadora e reguladora, que determina os possíveis do universo ao qual poderão ter acesso os atores competentes. A aptidão à formalização dos *savoir-faire*, a habilidade no manuseio dos códigos, algoritmos e ideografias artificiais tornam-se componentes essenciais da cultura. (Levy, 1998: 32)

É fundamental, portanto, analisar os novos papéis de alunos e docentes, trazer para dentro da escola a cultura juvenil, incorporá-la como forma legítima da construção do saber, romper com visões cristalizadas sobre a mídia na escola. É preciso reinventar esse espaço para que, realmente a mídia seja entendida e vivida como forma de cultura e comunicação a serviço da transformação da sociedade. Para tanto, precisamos reconhecer as diferenças existentes no corpo discente, as diferenças no corpo docente e todas as diferenças presentes na construção da comunidade escolar, e como afirma o professor Ralph Bannel, “A dignidade do cidadão aqui, por exemplo, está relacionada a

ser diferente, em pertencer a um grupo específico religioso, cultural ou étnico, cuja forma de vida é considerada essencial pela identidade do indivíduo.”

Então, para trazer a cultura juvenil para dentro da escola é necessário permitir um diálogo intercultural, que exigiria um processo hermenêutico. Em seu artigo intitulado Cidadania, identidades e linguagem: interculturalidade entre o universal e o particular, segundo o professor Ralph Bannell (mimeo apud Santos):

Hermenêutica diatópica está baseada na idéia de que os topoi de uma dada cultura, mesmo aquelas mais fortes, são tão imperfeitas como a cultura a qual eles pertencem. Esta imperfeição não está visível dentro da cultura, porque a aspiração à totalidade nos induz a tomar parte pelo todo. O objetivo da hermenêutica diatópica não é, por isso, alcançar uma plenitude – um objetivo intangível – mas, ao contrário, amplia ao máximo nossa consciência de imperfeição mútua do diálogo que desenvolve, em uma maneira de falar, com um pé em uma cultura e o outro numa outra cultura. Isto é o que define seu caráter diatópico.

Poderíamos então, fazendo uma analogia ao texto do professor Ralph Bannell, confrontar os topoi da cultura juvenil aos topoi da cultura escolar e construir um topoi intercultural. Quando a escola deixa passar a oportunidade de discutir com os alunos sobre sua vida cotidiana dificilmente conseguirá aproximar-se dessa cultura, dificilmente conseguirá estabelecer uma relação dialógica entre culturas e, ampliar a possibilidade de uma participação cidadã dos alunos dentro da escola. E no dizer de Paulo Freire:

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. (Freire: 1998: 154)

Neste trabalho, tentei mostrar como a escola nega a cultura popular dos alunos, em especial a cultura midiática da internet, afastando a possibilidade de uma relação intercultural, onde alunos e professores possam realmente ter uma participação cidadã real, não apenas aquela “escrita e determinada” no projeto político pedagógico institucional, contribuindo desta forma para a construção de um ambiente escolar inovador propulsor de transformações sociais.

Bibliografia

Bannel, R. I. *Cidadania, identidade e linguagem: interculturalidade entre o universal e o particular*, mimeo

Castells, M. *Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional*, mimeo

Da Silva, T. T. (1995) *Alienígenas na sala de aula*, Petrópolis: Vozes.

Freire, P. (1998) *Pedagogia da autonomia*, São Paulo: Paz e Terra.

Hall, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*, mimeo

Lévy, P. (1998) *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*, Porto Alegre: Artes Médicas

Lévy, P. (2001) *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, São Paulo: editora 34